

“A lenda bixa esquisita”: Linn da Quebrada e as reflexões acerca dos movimentos de sujeitos *transvesti* na reivindicação de cidadania¹Samantha Stephany do Nascimento CONCEIÇÃO²Luan Correia Cunha SANTOS³

Universidade Federal de Roraima, UFRR, RR

RESUMO

Neste trabalho, buscamos problematizar os papéis de gênero enquanto construções sociais forjadas e reiteradas nas repetições das tecnologias que as formam, compreendendo que estas atuam de maneira sistemática e institucionalizada desde a família, a escola, o Estado, em âmbito privado e público. Para isso, partimos de uma análise da música “A lenda”, da cantora travesti Linn da Quebrada. Desta forma, refletimos como o movimento de sujeitos que transitam entre os gêneros busca o reconhecimento de suas identidades e a reivindicação de cidadania, assim como, compreendemos como a (re)existência destes nos auxiliam a pensar outras construções de realidades possíveis, menos violentas e ignorantes as diversidades.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania; comunicação; identidades; travestis; (re)existências.

INTRODUÇÃO

Em 2017, a cantora e ativista Linn da Quebrada lançava seu primeiro álbum de estúdio “Pajubá”. O disco foi a forma como Lina encontrou de utilizar sua voz e sua criatividade para cantar e narrar outras realidades possíveis para as pessoas LGBTIA+, especialmente as pessoas trans. Na música de encerramento do disco, chamada “A Lenda”, ela inicia com os versos, “vou te contar a lenda da bixa esquisita, não sei se você acredita, ela não é feia nem bonita” (QUEBRADA, 2017).

Iniciamos nossa reflexão a partir desta citação por acreditar na potência das provocações trazidas em seu discurso acerca da inteligibilidade dos corpos trans em sistema cisgênero pautado em machismos e que violenta os corpos dissidentes. A “lenda de uma bixa esquisita”, como canta, nos trás essa dimensão sub-humana, de um corpo abjeto, que beira o imaginário social contemporâneo, ao mesmo tempo que não é reconhecido como sujeito cidadão pleno. É uma categoria estranha, por horas fetichizada,

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 Comunicação, Espaço e Cidadania do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

² Graduanda do 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR, email:

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR, email: luanjack@gmail.com.

por outras violentada. Figuras noturnas que povoam as ruas, as esquinas, os guetos e as casas de prostituição. Vezes “objeto” de desejo, outras, de fúria. “Nem feia, nem bonita”. Sub-humana. Travesti.

É sobre essas experiências trans, que desestabilizam as normatizações vigentes e exigem uma superação dos conceitos neoliberais de cidadania, que pautamos a nossa reflexão. Uma pessoa que transita entre os gêneros, transita entre duas construções sociais do que é ser masculino e feminino (lógica dominante na dicotomia ocidental), sendo assim, sua narrativa, ainda que busque o trânsito (deslocamentos) se faz a partir de referenciais socialmente constituídos e partilhadas.

Antes mesmo de nascermos, a partir do pré-natal, momento em que o sexo biológico das promessas de corpos é revelado, uma série de expectativas são reproduzidas socialmente. A autora Berenice Bento (2010) considera gênero como algo reproduzível, e que este constitui-se de um processo inacabado para repercutir corpos-sexuados heterossexuais, ou seja, dá-se um caráter de causa para um efeito, ao estipular para um corpo com pênis uma série de padrões de comportamentos, gostos, e sexualidade, levando em consideração apenas características biológicas. Um sujeito com pênis, quando nascer, já estará inserido neste espectro de expectativas que irão preparar aquele corpo para a vida heterossexual convencionada como masculina.

A partir disto, pode-se afirmar que os papéis de gênero são produzíveis, adquirindo concretude nas vestimentas, nos gestos e olhares que cobrem os corpos, assim como na estilística e estética corporal convencionadas como apropriadas para cada corpo. São signos estéticos que com base em suas múltiplas repetições, engessam as expressões do corpo que é instável, flexível e plástico. Repetir determinados padrões comportamentais, legitima determinadas governanças, dando a elas um lugar comum (BENTO, 2003).

Toda a posição de uma pessoa que transita entre os gêneros será questionada de acordo com uma moral vigente, antes de seu conteúdo, através de sua estética. O arranjo estético irá deslegitimar sua expressão de gênero a compreendendo como fraudulenta, esquisita, ou sub-humana. Nesta categoria, não cabe a estes sujeitos adjetivos como bonita ou feia, mas sim esquisita. Como então podemos pensar construções de cidadania para sujeitos que sequer são reconhecidos como tal?

O que buscamos com este estudo é problematizar a atualidade e pertinência do conceito de cidadania a partir dos movimentos de pessoas que transitam entre os gêneros, a partir de suas enunciações e estratégias políticas críticas desestabilizadoras. Tomamos como base os discursos de Linn da Quebrada, devido a sua relevância no cenário nacional e por termos acompanhado parte de seu processo (SANTOS, 2018a; 2018b). Para tal, selecionamos as enunciações: “A Lenda”, música presente no “Pajuba” e a entrevista para o portal Uol “Os feitiços e os desejos de Linn da Quebrada” publicada em no ano de 2019. Tais discursos serão interpelados com noções fundamentais para a compreensão da busca por cidadania por parte de transvestis.

A escolha por estes discursos específicos justifica-se em sua pertinência para explicitar tanto as diversas violências que os corpos trans estão expostos em seus cotidianos, como também seus múltiplos e sofisticados processos de resistência e reivindicações por uma vida justa e reconhecimento da inteligibilidade de seus modos de existir em sociedade.

Utilizamos o termo “transvestis” para nos referir tanto a travestis como para transgêneros. O termo é cunhado pela ativista Indiana Siqueira, à qual acredita ser um nome mais adequado por incluir as identidades trans, juntamente a pessoas travestis, reconhecendo este último como uma identidade latino-americana por vezes negligenciada e violentada de forma mais consistente. Reconhecer as identidades travestis e trazer junto com identidades trans também é um movimento político na busca por legitimar essas identidades enquanto sujeitos cidadãos produtores de sentidos e subjetividades.

Na música “A Lenda”, Linn da Quebrada toma uma postura crítica depois das situações impostas à ela: “Hoje, meu corpo, minhas regras, meus roteiros, minhas pregas, sou eu mesmo quem fabrico”. A narrativa do disco “Pajubá”, encerra com a cantora reiterando seu espaço de criação das próprias condições de sua vida. Tomando para o papel de decidir as regras sob as quais irá se julgar e construir o projeto de sua vida.

Podemos concluir que estamos vivenciando a construção de uma outra realidade, que advém das próprias crises que o capitalismo enquanto modelo hegemônico agenda, mas que tem se intensificado cada vez mais. Além disso, as próprias fissuras provocadas por seus movimentos de instabilidade e deslocamento do poder, tem feito emergir outras narrativas. Neste movimento estão as disputas entre as classes dominantes e as classes subalternas, o que nos implica em reconhecer as mudanças sísmicas provocadas por estes

terremotos epistemológicos que representam o fato de podermos contatar instantaneamente qualquer pessoa, qualquer empresa, inclusive qualquer conhecimento (filme, livro, documento, música), praticamente sem custos (DOWBOR, 2020).

Esses deslocamentos, criam outras possibilidades para a produção de outros gigantes econômicos, especialmente ligados ao armazenamento e distribuição de informação (DOWBOR, 2020) mas, também nos indica outros caminhos possíveis aos quais os movimentos sociais devem se alinhar e expandir suas zonas de reivindicações. Espaços como as redes sociais digitais têm sido relevantes nas conquistas de direitos, na organização política de vários grupos identitários, assim como na proliferação de vozes.

Se voltarmos ao caso de Linn da Quebrada, podemos compreender que boa parte de seu alcance se dá através dos mecanismos de proliferação destas redes, que através de suas lógicas, conseguem conectar sujeitos da comunidade trans com mais facilidade, rompendo barreiras geográficas. Sobre isso, Dowbor (2020) mesmo nos indica que os deslocamentos do capitalismo tem agenciado outras percepções de território, através de novos vínculos de sociabilidade a partir de interesses variados. E, como anteriormente citado, esse movimento de pertencimento é essencial para a efetivação de uma cidadania plena.

As experiências de trânsito entre os gêneros, conforme as quais fomos relatando no presente texto, nos indicam caminhos para uma transição de paradigmas sob o qual nossa sociedade está apoiada. Esses movimentos de resistência demonstram caminhos possíveis para a construção de um paradigma sustentável através da promoção de uma pedagogia comunicacional cidadã, que permite a potencialização de um sentimento de pertencimento.

A construção de saberes travestis nos revelam que gênero é uma categoria produzível socialmente tendo como base uma série de tecnologias, entre elas as palavras e a comunicação. Desta forma, podemos perceber o trânsito entre os gêneros como uma oportunidade de compreender as múltiplas possibilidades de ressignificar o masculino e o feminino em seu caráter performático. Visto que “homens e mulheres biológicos” também interpretam os papéis performáticos de gênero, tanto quanto as pessoas trans, diferenciando apenas a partir da legitimidade social em suas ações dentro de uma partilha social.

Os trânsitos entre os gêneros são esclarecedores como outros modos de construção de uma ética, estética e política das subjetividades. O corpo que transita, que toma o conceito de primitivo (sub-humano) como um ato político de reinvenção dos gêneros e da realidade, através de suas performances, busca criar caminhos para a inteligibilidade de suas identidades desestabilizadoras de um sistema complexo de opressões. Estas novas instabilidades demonstram as falhas de um suposto modelo hegemônico, ignorante as diversidade, e assim, constituir uma cidadania social e política.

Nosso campo de análise parte das práticas comunicacionais e como estas indicam possibilidades e caminhos para reivindicar uma cidadania num complexo ecossistema de comunicação. Precisamos aprender com pessoas transvestis sobre como agenciar desestabilizações promotoras de novos mundos, de heterotopias.

Apesar de um complexo jogo de negociações e disputas, é coletivamente, nos espaços cotidianos que podemos alterar as lógicas violentas, neocolonizadoras que cercam nossos corpos e nos impossibilitam de expressar e criar outras identidades. Alinhados com esses movimentos transvestis, o pensamento crítico acadêmico precisa estar em constante diálogo com os movimentos sociais, em busca que constituir redes mútuas de resistência, capaz de possibilitar reconhecimentos de inteligibilidades e assim, criar uma arte de pensamentos genuinamente aberta às diversidades e ao exercício cidadão democrático.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. **Labrys Estudos feministas**. Brasília, s/n, n.4, ago-dez. 2003, não paginado.

BENTO, Berenice. As tecnologias que fazem os gêneros. **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. Curitiba. 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Ciudadanos remplazados por algoritmos**. Guadalajara/México: Editorial de la Universidad de Guadalajara, 2019.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.

Direito à Prostituição e Ética: Pergunte às Bee 74. **Canal das Bee**. 2016. 12 min. Son., Color., disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BFYPiD6yw4I&t=388s>>. Acessado em: 07 de julho de 2022.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Edições SESC, 2020.

FONSECA, Jordana Viana Carvalho. **Corpos (in)desejáveis**: o fenômeno da transfobia a partir da perspectiva de pessoas trans e psicólogos/as. 2018. 103 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

JESUS, J. G. (2012). **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Goiânia: Ser-Tão/UFG.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MATTELART, Armand; VITALIS, André. **De Orwell al cibercontrol**. Barcelona: Gedisa, 2014.

MOGLEN, Eben. El manifiesto puntoComunista. In: LAGO, Silvia (comp.). **Ciberespacio y resistencias**: exploraciones en la cultura digital. Buenos Aires: Hekht Libros, 2014.

QUEBRADA, Linn da. A lenda. In: **Pajubá**. São Paulo: Estúdio YB Music, 2017. Web. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k4DpkHftQJg>> Acessado, 07 de julho de 2022.

QUEBRADA, Linn da. Os feitiços e os desejos de Linn da Quebrada. Youtube. 20 de dezembro de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwcvHVtw&t=65s>> . Acessado, 07 de julho de 2022.

SANTOS, L. C. C.; DA SILVA, Y. C. W. ENVIADESCER NO CIBERESPAÇO: LINN DA QUEBRADA E REPRESENTAÇÃO TRANS NO YOUTUBE. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 2, n. 1, p. 58-82, 2 jan. 2018a.

SANTOS, L. C. C. SANTI, V. J.C. Movimento Enviadescer no ciberespaço: O discurso de Linn da Quebrada no YouTube. In: **Anais XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**. Vilhena: 2018b.

SANTOS, L. C. C.; RODRIGUES, F. S. Recepção e representação de trânsito entre os gêneros no *Facebook* em Roraima. In: RODRIGUES, F. S. *et. al.* **Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica**. Editora da Universidade Federal de Roraima: Boa Vista. 2020.